AS NOSSAS GRAVURAS

SUA MAGESTADE A RAINHA

O retrato da excelsa rainha dos portuguezes, que hoje damos, é o complemento indispensavel das gravuras com que o OCCIDENTE tem acompanhado a narrativa do tragico incendio do theatro Baquet do Porto;—é o *pendant* glorioso e consolador das scenas lascinantes que o buril do nosso gravador reproduziu:—o incendio do Baquet foi a fatalidade que enlutou o Porto, a Rainha foi a Providencia que sorriu á heroica cidade n'esse momento terrivel de lagrimas e de desolação.

Ha um velho anexim portuguez que diz que «o fogo experimenta o ouro, como a adversidade experimenta o amigo fiel», e assim é.

De cada vez que a adversidade fere o paiz, mais brilhante e mais eloquente resplende a amizade carinhosa da rainha pelo seu bom povo que a idolatra, mais gloriosa e triumphante irradia essa corôa santa de caridade e de philantropia que aureola a fronte radiante da augusta princeza italiana, que o rei D. Luiz escolheu entre todas para sua companheira querida, para mãe amorosa e dedicada do povo portuguez.

Não precisamos historiar aqui minuciosamente o facto maravilhoso que a publicação do retrato da Rainha sr.ª D. Maria Pia hoje commemora nas nossas paginas.

Todo o paiz conhece bem esse facto, conhece-o bem o estrangeiro, que o tem registado com o devido louvor nas chronicas dos seus jornaes.

Uma manhã Lisboa apavorada leu em todos os periodicos a noticia dolorosa d'uma grande catastrophe, que horas antes enchera de lucto, de dor e de angustia a segunda cidade do reino.

Um incendio horroroso devorara em meia hora o theatro Baquet do Porto, sepultando sob as suas ruinas fumegantes centenas de victimas.

Por toda a parte reinava na cidade invicta, as lagrimas, a miseria e a desolação: a narrativa simples e laconica do cortejo de desgraças que esse incendio gerára, parecia uma pagina arrancada aos mais negros cantos do inferno dantesco.

Apenas a noticia circulou em Lisboa, a Rainha, abandonando o seu palacio e a côrte, põe-se a caminho, sosinha com seu filho, vestida de luto como de luto estava a cidade infeliz e por uma noite medonha de temporal sul, uma d'essas noites tremendas em que o vento rugia pelas charnecas, como coros de bruxas na legendaria noite sinistra de Walpurgis, vae ao Porto, juntar as suas lagrimas ás lagrimas que ali corriam, mergulhar o seu coração amantissimo de mãe e de mulher n'aquelle grande oceano revolto de maguas e de dor, vae levar aos pobres a esmola do seu ouro, aos mortos a esmola da sua prece, aos tristes a esmola do seu sorriso, aos que padecem a esmola da sua consolação.

E como o sagrado Viatico não escolhe ricos nem pobres, e tanto vae ao palacio sumptuoso como á choça humilde, como ao antro vil e á enxovia immunda, assim Maria Pia, esquecendo-se de que era rainha para só se lembrar que era mulher, foi correr as viellas mais sordidas do Porto, esses beccos escuros onde o sol nunca entrou, levar, como o Deus supremo, áquelles que agonisavam, que se estorciam nas vascas da morte, nas vascas da fome, nas vascas da dor, palavras de esperança, palavras de conforto, palavras de resignação.

E por todo o paiz se ergueu um grito unisono e triumphal de «Viva a Rainha!», um viva que não foi gravemente levantado, segundo a pragmatica, pelo presidente engravatado de qualquer camara municipal, um grito que foi levantado expontaneamente pela alma popular vibrante de enthusiasmo, de reconhecimento, de gratidão ante a acção grande e santa da santa e grande Rainha, da grande e santa mulher!

E hoje como hontem, hoje que o theatro Baquet ardeu, como hontem quando as innundações semearam a morte e a miseria pelas regiões alagadas, ao grito de desolação responde um grito de enthusiasmo, á exclamação de dor responde uma exclamação de reconhecimento, e ao *miserere* lugubre que o paiz em lagrimas *psalmodea*, succede logo como um grito triumphal, o grito enthusiastico de «Viva a Rainha».

E é por isto que o retrato dacaridosa rainha dos portuguezes não podia deixar de illustrar a chronica da sinistra tragedia do Porto.

A ILHA DO CABO DE SECÇÃO

Foi uma das ilhas visitadas por Sua Magestade a Rainha, quando a augusta princeza andou soccorrendo no Porto as pessoas mais prejudicadas pelo incendio do Baquet.

A ilha do Cabo de Secção, situada na rua do Bomjardim, é curiosa principalmente pela disposição das casas que a compõem, situadas ao longo de uma ingreme escadaria de pedra, a céu aberto.

Constitue um dos typos interessantes d'esse genero de habitações disseminadas pelo Porto e que dão asylo á sua população proletaria.

A gravura que publicamos é reproduzida de uma prova photographica da conceituada Photographia União, encarregada pela sr.ª D. Maria Pia de tirar as vistas de algumas das ilhas que visitou.

CASA DA ILHA DOS TANQUES NA CORTICEIRA

A nossa gravura, reproducção de uma excellente photographia do distincto amador portuense o sr. Joaquim Damazio Basto, representa a casa da Ilha dos Tanques, na Corticeira, habitada pela viuva do varredor Manoel Baptista, um dos desventurados que pereceu no incendio do theatro Baquet.

Foi ao penetrar os hombraes d'esse lobrego tegurio, onde a sr.ª D. Maria Pia ia levar o conforto da sua esmola caritativa e a consolação da sua palavra affectuosa, que a augusta princeza proferiu as celebres palavras:

—*Pois aqui vive-se?!*

Vive-se ali e vive-se ainda em condições mais miserandas.

As casas da ilha dos Tanques possuem ao menos um horisonte vasto e as correntes beneficas do ar puro, porque defrontam com os alcantis da Serra do Pilar e com a paizagem dilatada que emoldura as suas margens do rio Douro.

Mas ha recantos de casas, vãos de escadas, onde o ar e a luz difficilmente penetram, verdadeiras tocas humanas, em que vegetam sob uma atmosphera asphixiante, tendo por leito colchões apodrecidos pela humidade, familias inteiras!

A escada de madeira que dá accesso para a casa da ilha dos Tanques tem por fim evitar que o inundem as enxurradas do inverno e as vertentes canalisadas das fabricas do Campo 24 de Agosto, que se vão precipitar no rio.

Tudo corre por alli a descoberto formando por vezes verdadeiros caudaes.

Na nossa gravura destaca-se sobre a referida escada, a pobre habitante da casinhola, a viuva do varredor, tão generosamente soccorrida por Sua Magestade a Rainha.

AFRICA PORTUGUEZA
ARCOS NATURAES NAS MARGENS DO RIO COROQUE

Entre as curiosidades naturaes que se encontram na Africa Occidental, contam-se os arcos naturaes que a nossa gravura representa.

Estes arcos são talhados na extremidade d'um rochedo, que é ao mesmo tempo o limite d'uma extensa collina d'alguns milhares de metros, a qual faz parte das margens da lagoa Prande e rio Coroque.

O arco maior tem cerca de 12 metros de altura e o outro uns 8 metros.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA DE CINTURA DE LISBOA

Se ninguem é propheta na sua terra, muito poucos ha que sejam viajantes no seu paiz, e muito menos, que percorram e apreciem as digressões proximas das localidades em que vivem.

É por isso que, indo d'aqui para qualquer ponto do estrangeiro, visitamos todos os jardins, todos os palacios, todas as egrejas e muzeus, porcorremos todos os arredores, admiramos todos os panoramas; emquanto que, em a nossa terra, deixamos ás moscas o jardim zoologico, não vamos senão por incidente ao da escola Polytechnica, de palacios conhecemos apenas o de Cintra e o de Queluz, e nunca tomámos um trem para, sahindo as portas da Cruz da Pedra, entrarmos pelas de Alcantara, percorrendo assim toda a peripherie da cidade de Lisboa

Pois tem muito que ver, e agora que esse passeio se vae fazer commodamente, n'uma carruagem de caminho de ferro, quantos haverá, no seu egoismo exclusivista, que se lastimem de não terem ha mais tempo feito tão agradavel passeio, só elles, quando mais ninguem o fazia.

Vamos, portanto, descrever-lhes o que em breve verão:

A nova linha principia em Xabregas, em frente do convento da Madre de Deus, e logo ali nos apresenta as suas principaes obras de arte que hoje damos em gravura.

A primeira é o viaducto pelo qual se passa superiormente á fabrica de fiação d'algodão.

Esta obra tem a extensão de 83 metros, sendo o seu taboleiro metallico assente sobre dois encontros e quatro pilares de alvenaria, formando 5 tramos independentes.

Uma parte do viaducto teve de ser coberta por um anteparo metallico, destinado a defender as edificações da fabrica, das faulhas expellidas pelas chaminés das machinas, e que poderiam pôr em perigo aquelle importante estabelecimento fabril que dá trabalho a um grande numero de operarios.

Tanto esta como todas as outras obras metallicas da linha de cintura foram executadas pela importante casa constructora belga Société Internationale de Braine-le-Comte, que se torna digna dos maiores elogios pela perfeição e solidez de todos os seus trabalhos.

Felicitamos por isso o intelligente director da construcção Mr. Vintenon e o distincto engenheiro da casa em Lisboa Mr. Eugene Rolin.

Sahindo do viaducto entra-se logo no tunnel, como bem se vê da nossa gravura.

O tunnel tem 200 metros de comprimento, sendo metade em curva e metade em recta.

Foi construido pelo engenheiro Mr. Boussard.

Seguimos então o pittoresco e fertil valle de Chellas, cuja estrada atravessamos n'um viaducto metallico de 18 metros, em obliqua.

Passados mais dois pontões de pouco mais de 2 metros atravessa-se de nivel a estrada no sitio da Fonte do Louro, bem conhecido pela concorrencia de populares que ali afflue ao domingo... e á semana mesmo.

Depois atravessam-se ainda as estradas da Charneca e Lumiar, em passagem de nivel, fechadas, como a de Sacavem, pelas cancellas de ferro do novo systema, que offerece grandes vantagens de segurança, em pontos tão concorridos como estes.

A linha entra n'um patamar de 336,70 metros que é o ponto mais alto da via.

Até aqui subimos sempre; agora vamos descer até entrarmos na linha de Alcantara a Bemfica.

Cruza-se n'este ponto a projectada avenida do Campo Grande que será um grande embellezamento para a cidade.

Ao norte vê-se em construção o novo mercado de gado, e pouco depois o local onde será a estação militar do Campo Pequeno.

Esta estação será de grande importancia não pela quantidade de edificações, mas pelo desenvolvimento das vias e dependencias, para o serviço de embarque e desembarque de tropas, deposito de material de guerra e parque de engenharia.

Além d'isso, servirá este frequentadissimo ponto das cercanias de Lisboa.

Depois atravessa-se o caminho para Palma e o para a Luz, a estrada de Cintra, em um viaducto metallico de 22,50 metros de um só tramo, e de um typo especial, a estrada de Campolide em outro viaducto de metade da extensão d'aquelle, e finalmente a ribeira d'Alcantara, n'um ultimo viaducto de 16 metros, e eis-nos entrando na linha de Lisboa a Cintra, no sitio de S. Domingos de Bemfica.

A esquerda vêmos o aterro já bastante adiantado que pertence á linha urbana, em construcção, e que virá ligar n'esta, perto do viaducto, sobre a estrada de Campolide.

O publico espera com interesse a abertura d'esta linha que lhe promette, logo que a estação do Campo Pequeno seja aberta, um bom serviço rapido e commodo para todos os suburbios da cidade, hoje tão difficientemente ligada a esses pontos.

No valle de Chellas, no Arieiro, no Campo Pequeno e em Palhavã ha quintas e propriedades magnificas que a linha atravessa, e que poderão

ser servidas pela estrada que a camara tem em estudo, por modo facil e rapido.

Além d'isso a pequena linha vem servir para a importante ligação de comboios entre a antiga rede de leste e norte e a nova rede de Cintra, Torres e Figueira, o que já permitte que, desde a abertura á exploração, que se effectuou no dia 20, haja comboios directos da velha estação de Santa Apolonia para Cintra e vice-versa, assim como para Torres e breve para a Figueira, o que não só é importante para os passageiros como para as mercadorias que d'esta importante zona se destinam a embarque para o estrangeiro e que só difficilmente o conseguiam fazer sem ir á estação do Caes dos Soldados, emquanto a estação maritima do porto de Lisboa não estiver construida.

L. de Mendonça e Costa.

O BAILE DOS SNRS. CONDES DE BURNAY

O Balzac ou o Zola que tomasse a seu cargo fazer, no romance, o estudo realista da sociedade lisboeta contemporanea e transportar para o livro os personagens mais salientes da Lisboa actual, verse-hia seriamente embaraçado com a individualidade estranha e original d'esse famoso banqueiro Belga, que tão conhecido, tão fallado e tão discutido é em todo o paiz, e que se chama o conde de Burnay.

Por mais que fizesse, por mais naturalista que fosse, por mais que se cingisse aos processos da sua escola, ou antes quanto mais a elles se cingisse, quanto mais realista fosse, mais o seu livro teria o sabor romantico, o colorido phantastico e imaginoso dos romances mais celebres do velho Dumas pae, da Souliè, e de Feval.

E com quanto mais fidelidade o typo do conde de Burnay fosse transportado para o livro, mais inverosimil e phantastico esse livro pareceria, pela simples razão, que os naturalistas parecem desconhecer, mas que é profundamente verdadeira, de que não ha no mundo nada mais inverosimil do que a verdade.

Nos romances de Dumas, de Feval e de Sou-

PORTO — ILHA DO CABO DE SECÇÃO, VISITADA POR SUA MAGESTADE A RAINHA

(Segundo uma photographia da União)

PORTO — ILHA DOS TANQUES, VISITADA POR SUA MAGESTADE A RAINHA

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Joaquim Basto)